

# BNDES não teme aumento da inadimplência

**Novo presidente afirma que instituição estava preparada contra efeitos da desvalorização do real**

**JÓ GALAZI**

**R**IO - Nomeado oficialmente para a presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), José Pio Borges, em cargos de direção na instituição desde 1990 - exceto por um curto período em que retornou à iniciativa privada, no governo Itamar Franco -, assume a função no meio de um terremoto.

O banco não sofrerá com a desvalorização do real, antecipa ele, demonstrando tranquilidade. Isso porque, mesmo sendo do governo, o BNDES tomou o cuidado de casar seus ativos e passivos em dólar, ou seja, para cada dólar que deve, tem um dólar corrigindo empréstimos dados.

Quanto aos tomadores de empréstimos corrigidos por variação cambial, cujas dívidas se tornaram mais caras, Pio Borges garante que não há risco de inadimplência. A recessão, segundo ele, certamente é mais séria em termos de perspectiva de inadimplência do que a desvalorização do real. Neste caso, ele acredita que serão atingidos principalmente os empréstimos concedidos por intermédio de agentes financeiros.

O BNDES, diz Borges, terá R\$ 20 bilhões para emprestar este ano e em sua avaliação não faltariam candidatos aos recursos, apesar das dificuldades econômicas. Os exportadores vão querer o dinheiro do banco, que dispõe de US\$ 3 bilhões para emprestar.

Segundo Pio Borges, este valor é uma excelente base para se ter finalmente, a estruturação de um Eximbank brasileiro. Pio Borges, até novembro, era vice-presidente do BNDES e o responsável pela Área de Desestatização da instituição. Com o episódio da divulgação das fitas resultantes do grampeamento dos telefones do banco na época da privatização das empresas da Telebrás, o ministro das Comunicações, Luiz Carlos Mendonça de Barros, e o presidente do banco, André Lara Resende, pediram demissão e, em solidariedade, Pio Borges também.

Depois, o presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, e o ministro do Desenvolvimento, Celso Lafer, o convidaram para assumir o posto máximo do banco. Após conversar com Resende e Mendonça de Barros, aceitou a função. Pio admite que o banco, a partir de agora, poderá vir a gravar as suas conversas e as dos demais diretores, para enfrentar eventuais "grampos editados".

**Estado - Para as contas do BNDES, o que representa exatamente a desvalorização do real?**

**José Pio Borges** - Do ponto de vista do balanço do banco a desvalorização não terá efeitos. Há al-

gum tempo já estávamos trabalhando com nossos ativos em dólar bem casados com os passivos em dólar. Para cada 1 dólar em nosso passivo, temos 1 dólar como credores. A questão é como isso afetará as demais empresas, mas achamos que, quando as coisas se acalmarem, a maior tranquilidade do mercado será favorável ao ambiente para investimentos.

**Estado - Enquanto as coisas não se acalmam, há problemas. Uma parte dos recursos do banco está emprestada com base na variação cambial e na variação de uma cesta de moedas. O senhor não teme que haja inadimplência?**

**Pio Borges** - Os recursos indexados à cesta de moedas e ao dólar estão concentrados no setor exportador, que por ter sua receita em dólares, vai ganhar mais em reais. Portanto não deixará de ter dinheiro para pagar ao BNDES. Também emprestamos com base nesses indexadores para empresas subsidiárias de estrangeiras, que em princípio são sólidas e igualmente deverão cumprir seus compromissos.

Evidentemente deverá haver casos de dificuldades de um ou outro tomador, mas nada que afete a inadimplência, que é baixa. Ao menos não pela desvalorização.

**DÍVIDA EM DÓLAR EQUIVALE A EMPRÉSTIMOS**

**Estado - O temor então é o de que haja mais inadimplência de forma geral, e não entre as empresas com empréstimos indexados?**

**Pio Borges** - A recessão certamente é mais séria em termos de perspectiva de inadimplência do que a desvalorização do real. Principalmente no caso dos recursos emprestados por intermédio de agentes financeiros, creio que a inadimplência crescerá. É claro que nas operações em que os recursos são emprestados às empresas por intermédio destes agentes, isto é, de bancos, o risco de crédito é da instituição e não do BNDES. Só que se a inadimplência nos bancos for muito alta, eles passam a exercer uma certa pressão para adiar pagamentos ao BNDES. Não podemos deixar de compreender e colaborar, porque senão eles deixam de repassar os nossos recursos.

**Estado - Com todas as dificuldades já esperadas para 99, haverá demanda para os recursos do BNDES?**

**Pio Borges** - A demanda hoje já é de R\$ 24 bilhões a R\$ 25 bilhões, mas, claro, muitos projetos apresentados podem não se concretizar. O ano passado também não foi fácil, a partir da crise da Ásia, e mesmo assim nossos desembolsos superaram as previsões e bateram recorde. Há investimentos que não podem ser adiados e não serão. Um exemplo é de telecomunicações - as empresas têm metas a cumprir estabelecidas em seus contratos de concessão e vão ter de investir para cumprí-las. O mesmo se dá em ferrovias e rodovias



Pio Borges, do BNDES: convite para ficar após pedido de demissão em solidariedade a Mendonça de Barros

dos desembolsos globais, para todos os setores, há quatro anos. Muitas instituições de exportação no mundo não financiam um volume tão grande. Enfim, pode até ser pouco ante as dificuldades externas do País, mas é suficiente para criarmos a base de uma nova plataforma de desenvolvimento, na linha de um novo Eximbank brasileiro.

**Estado - Há confusão um problema objetivo neste momento: o BNDES vinha fazendo muitos financiamentos indexados à variação de uma cesta de moedas, o que significava um custo muito baixo para o dinheiro. Mas com a dificuldade de captação recursos no exterior, como manter os empréstimos com custo baseado na cesta de moedas?**

**Pio Borges** - Cerca de 20% dos recursos do FAT podem ser usados para financiamentos indexados ao dólar. É o nosso FAT cambial. Com ele, o custo do dinheiro para a empresa tomadora do empréstimo é muito competitivo com os custos vigentes no exterior.

Portanto, não dependemos dos empréstimos indexados à cesta de moedas para sermos competitivos. Tanto é assim que empresas brasileiras já ganharam importantes concorrências internacionais usando estes recursos. Uma das mais importantes foi a venda de aviões, pela Embraer, para a American Eagle, na qual a empresa brasileira venceu a Bombardier canadiana justamente porque oferecemos à American financiamento para os aviões pelo FAT cambial.

**Estado - Com o caso do grampeamento de conversas no banco, como o BNDES vai atuar em privatizações a partir de agora?**

**BANCO TEM US\$ 3 BILHÕES PARA OS EXPORTADORES**

**Pio Borges** - Na fase de pré-leilão, em que o governo procura fazer com que as empresas sejam vendidas pelo maior preço, o BNDES também sempre se envolve, mas agora isso precisa ser cercado de um cuidado muito maior. Temos sempre contato com todos os interessados e fazemos o possível para que cada um se sinta o favorito. Só que não é verdade - todos são favoritos. Queremos maximizar o preço do que estamos vendendo.

**Estado - O senhor acha satisfeita a atuação do banco nesta área, tão vital para a recuperação das contas externas brasileiras, cuja deterioração levou à crise atual?**

**Pio Borges** - Começamos a nos dedicar às exportações há três anos, quando financiamos US\$ 400 milhões para o setor exportador. No ano passado financiamos US\$ 2 bilhões e para este ano a estimativa é de US\$ 3 bilhões. Uma soma anual destas não faz vergonha em lugar nenhum do mundo. Isso representa 15% do orçamento atual do Banco e 60%

**Estado - Os senhores agora vão gravar as próprias conversas com candidatos, financiadores e envolvidos em geral nas privatizações?**

**Pio Borges** - Estamos pensando nesta possibilidade. Isso nos deixaria mais tranquilos, já que teríamos como comprovar se uma conversa grampeada foi editada.